

8

Neste momento há para ver, em Lisboa, dois espectáculos sobre o 25 de Abril. O primeiro é na Comuna, chama-se "Inter-Rail", escrito por Abel Neves e encenado por Álvaro Correia. Vamos começar por aí.

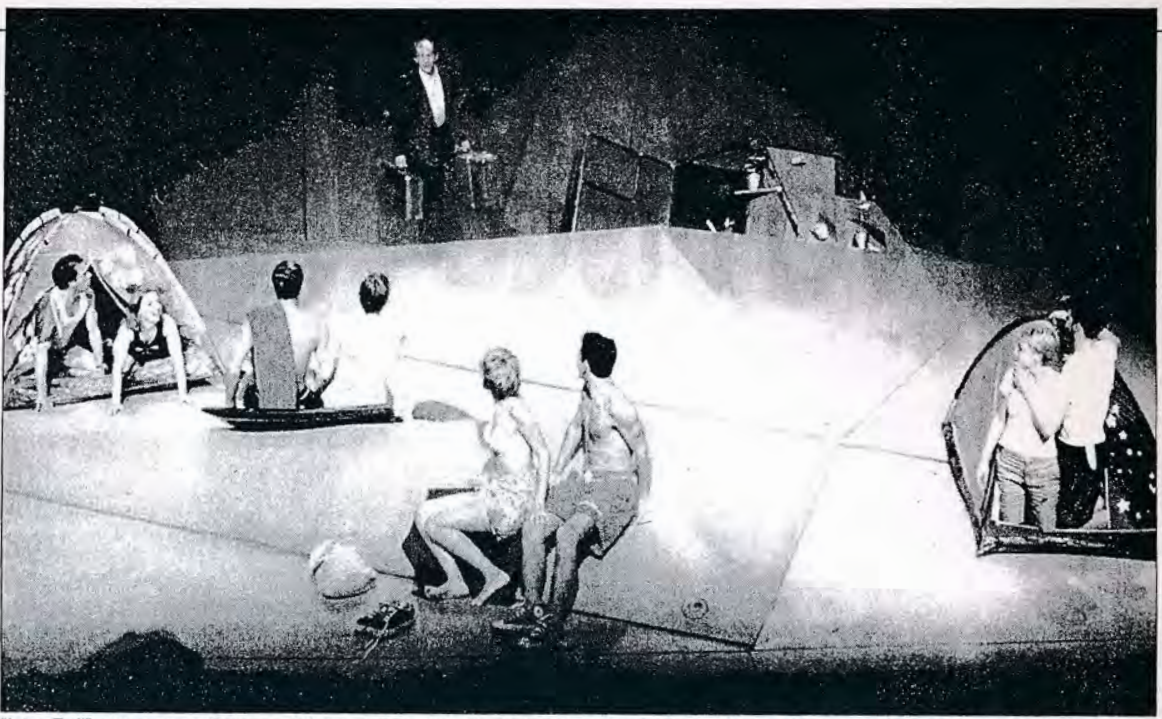
Acabadinha de estrear, a peça foi uma encomenda de João Mota, que queria comemorar os 25 anos do 25 de Abril com um texto original. Abel Neves pôs mãos à obra e escreveu uma obra que põe em cena duas gerações de pessoas desesperadas: as pessoas desesperadas que viveram o 25 de Abril e têm incutidos valores que já não se adequam à realidade, e as pessoas desesperadas que nasceram depois do 25 de Abril, não têm valores nenhuns e não sabem o que hão-de fazer com as suas vidas.

Mais de duas horas de espectáculo deixam-nos com a sensação de que os jovens de hoje e os seus pais não estão tão longe uns dos outros quanto imaginam. Irónico, não é? Por exemplo: parece que, afinal, há tabus que teimam em persistir. A geração que viveu em pleno a revolução sexual continua a lidar mal com a sexualidade dos filhos, e a geração a quem supostamente o mito da virgindade nada diz continua a ter problemas com isso - as meninas gostariam de ser virgens para cada novo namorado, os meninos de nunca o ter sido.

O texto de Abel Neves vive muito deste tipo de paralelos. Outro exemplo: a geração que tinha 20 anos no 25 de Abril vivia num ambiente familiar estável, ou antes, estagnado, e tinha ânsias de mudança. Queria fumar charros, vestir de ganga, fazer amor e não a guerra. E queria viajar. A geração que tem hoje 20 anos assistiu ao divórcio dos pais, toma ecstasy, quer ter empregos estáveis e telemóveis. Também quer viajar.

Aliás, o tema da viagem aparece nesta peça recorrentemente - não fosse ela chamar-se "Inter-Rail". A viagem funciona como uma espécie de metáfora: é o apelo irresistível para o sonho, para o desejo de encontrar um mundo diferente, seja ele nos países nórdicos ou na via láctea. Importa é que seja longe daqui, da realidade em que vivemos mergulhados todos os dias até ao pescoço.

A peça de Abel Neves é complexa, não moralista, por vezes perde para o erudito. No espectáculo que Álvaro Correia construiu a partir do texto confirma plenamente a sua capacidade para a direcção de actores. A cenografia e os figurinos são de Luís Santos, o desenho de luz é de Paulo



"Inter-Rail", em cena na Comuna, foi uma encomenda de João Mota ao escritor Abel Neves. Na foto, os actores Manuela Couto e Alfredo Brissos, que fazem parte do elenco

Estreias recentes na Comuna e na Barraca

DUAS FORMAS DIFERENTES DE VER ABRIL

Graça e a direcção musical de José Pedro Caiado. No elenco Hugo Sequeira, Margarida Cardal, Carlos Oliveira, João Tempera, Joana Seixas, Joana Brandão, Alfredo Brissos, Alexandre Lopes, Miguel Sermão, Isabel Abreu, Manuela Couto e Victor Soares.

Abril na Barraca

O segundo espectáculo pode ser visto na Barraca. Chama-se "Abril em Portugal" e é um trabalho notável de reconstituição da nossa vivência colectiva antes e depois da revolução dos cravos. Claro que, com texto e encenação de Hélder Costa, o espectáculo não poderia deixar de ser uma leitura pessoal dos acontecimentos. Até porque o dramaturgo e encenador viveu muito de perto esse período de transição entre

um Portugal e outro e é particularmente sensível a essa questão.

No entanto, este "Abril" é suficientemente objectivo para nos recordar momentos-chave da História de Portugal, conseguindo tornar "palpáveis" quer o terror de viver sob uma ditadura, quer a euforia de se sentir, finalmente, livre.

O mais curioso - aquilo a que o espectáculo deve o seu impacto - é a mistura, nas doses certas, de Brecht no mais puro e emoção transbordante. Brecht começa nos figurinos iguais, cinzentos, tipo farda - com leitura óbvia. E Brecht continua na estrutura do espectáculo, que se organiza separando nitidamente os momentos em que o narrador vem anunciar - e comentar - aquilo que o público verá a seguir, os momentos em que os actores "representam"

pedaços de História, e os momentos musicais. De resto, até lá estão as projecções que Brecht tanto advogava, os textos de apoio distribuídos ao público, a intervenção de um coro.

A emoção dependerá, evidentemente, da sensibilidade de cada espectador, mas há momentos a que ninguém ficará indiferente. É impossível, por exemplo, não ficar chocado com a cena na qual duas mulheres torturam outra, para que denuncie supostos comunistas.

A outra vertente - fortíssima - do espectáculo de Hélder Costa é o humor, que aparece frequentemente como contraponto às cenas mais intensas. Em relação aos episódios propriamente ditos, não faz muito sentido enumerar as datas e os acontecimentos que Hélder Costa decidiu subli-

nhar neste seu guião. Mas para se fazer uma ideia daquilo que há de esperar deste "Abril em Portugal", a acção tem início em 1933, "quando Salazar tinha acabado de votar a constituição fascista" e, pouco depois, ocorria "o primeiro - e único - atentado ao ditador". São evocados a Guerra Civil Espanhola, a Segunda Guerra Mundial, a Revolução Cubana, a Argélia e o Vietname. Por cá, lembra-se a Píde, Catarina Eufémia, Humberto Delgado, o escândalo dos Ballet Rose, a guerra colonial e "a revolução em que não morreu ninguém".

O espectáculo - que se destina sobretudo à itinerância - estreou-se em Grândola, por razões mais do que evidentes, e vai estar no Cinearte para uma curta carreira. Tem direcção musical de Paulo Serafim, figurinos de Maria do Céu Guerra, sonoplastia de Fernando Pires, adereços de Luís Thomar, iluminação de José Carlos Pontes e fotos e slides de Carlos Gil e Daniel Gil. Os autores das canções são: Hélder Costa, Fernando Lopes Graça, José Afonso, Manuel Alegre, José Mário Branco, Tino Flores, Boris Vian, António Gedeão, Manuel Freire, Maz, Fernando Tordo, Sophia de melo Breyner, António Quadros, John Lennon, Chico Buarque de Holanda, entre outros.

No elenco estão: Carla Alves, Catarina Santana, Suzana Caceia, Luís Thomar, Sérgio de Bastos, Miguel Telmo, Paulo Serafim e Sérgio Moras.

Ana Maria Ribeiro